

A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

FAMILY PARTICIPATION IN THE PROCESS OF ACQUIRING READING AND WRITING SKILLS



DANIELE JAQUES FREITAS

Graduação em Pedagogia, pelo Centro Universitário São Camilo (2007); Pós Graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional (2008); Graduanda em Psicologia pela Uninive (conclusão em 2029); Professora de Educação Infantil na Emei Santos Dumont (PMSP)

RESUMO

A participação das famílias no processo de aquisição da leitura e da escrita constitui um dos fatores que mais influenciam o desenvolvimento integral das crianças durante a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em uma sociedade caracterizada pela intensa circulação de informações, pela presença das tecnologias digitais e pelas constantes transformações sociais, compreender a alfabetização apenas como domínio do sistema de escrita mostra-se insuficiente. Este estudo tem como objetivo analisar as contribuições da parceria entre escola e família para o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras, discutindo aspectos relacionados à alfabetização, ao letramento, à aprendizagem significativa e às novas práticas sociais de linguagem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, desenvolvida mediante análise crítica de livros, artigos científicos e documentos normativos relacionados à alfabetização, ao letramento e à participação das famílias no processo educativo. Os resultados evidenciam que a construção de vínculos entre escola e família favorece o desenvolvimento da autonomia, da criticidade, da participação e do interesse pela leitura e pela escrita. Conclui-se que práticas pedagógicas dialógicas, inclusivas e contextualizadas fortalecem os processos de aprendizagem e ampliam as oportunidades de participação das crianças na cultura escrita.

Palavras-chave: alfabetização; letramento; leitura; escrita; **engajamento familiar**; aprendizagem significativa.

ABSTRACT

Family involvement in the process of acquiring reading and writing skills is one of the factors that most significantly influence children's holistic development during early childhood education and the early years of elementary school. In a society characterized by the rapid flow of information, the presence of digital technologies, and constant social change, viewing literacy solely as the mastery of the writing system is insufficient. This study aims to analyze the contributions of the school-family partnership to the development of reading and writing competencies, discussing aspects related to basic literacy (*alfabetização*), broader literacy practices (*letramento*), meaningful learning, and new social language practices. It is a qualitative bibliographic study conducted through a critical analysis of books, scientific articles, and regulatory documents concerning literacy and family participation in the educational process. The results demonstrate that building bonds between school and family fosters the development of autonomy, critical thinking, participation, and an interest in reading and writing. The study concludes that dialogic, inclusive, and contextualized pedagogical practices strengthen learning processes and expand opportunities for children to participate in written culture.

Keywords: basic literacy; literacy practices; reading; writing; family engagement; meaningful learning.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos, documentos legais e produções acadêmicas que discutem alfabetização, letramento, aprendizagem significativa e a participação das famílias no desenvolvimento da leitura e da escrita. A opção pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de compreender diferentes perspectivas teóricas acerca do tema, articulando contribuições de autores clássicos e contemporâneos com os documentos orientadores da educação brasileira.

O levantamento bibliográfico privilegiou obras reconhecidas na área da Educação, especialmente aquelas que abordam os processos de alfabetização e letramento, a aprendizagem mediada pelas interações sociais e a importância da parceria entre escola e família. Também foram consultados documentos normativos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), considerando sua relevância para a organização das práticas pedagógicas.

A análise das obras ocorreu por meio da leitura crítica e interpretativa dos referenciais selecionados, buscando identificar aproximações entre os diferentes autores e compreender como as relações estabelecidas entre escola, família e comunidade influenciam o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras das crianças. Os resultados foram organizados de maneira temática, possibilitando uma discussão fundamentada nas principais contribuições da literatura especializada.

A organização das informações permitiu identificar categorias temáticas que orientaram a discussão apresentada nas seções seguintes.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação brasileira passou por importantes transformações impulsionadas por mudanças sociais, culturais e tecnológicas que modificaram as práticas de leitura e escrita presentes no cotidiano das crianças. Nesse contexto, a alfabetização passou a ser compreendida como um processo que ultrapassa a aprendizagem do sistema de escrita, envolvendo a inserção dos estudantes em diferentes práticas sociais de linguagem e o desenvolvimento de competências necessárias à participação ativa na sociedade.

A escola exerce papel fundamental nesse processo, porém estudos evidenciam que a participação das famílias influencia significativamente o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. O contato com livros, histórias, conversas e diferentes práticas de linguagem no ambiente familiar desperta o interesse pela cultura escrita e amplia as oportunidades de aprendizagem desde os primeiros anos de vida.

Essa participação, entretanto, vai além do acompanhamento das atividades escolares. A parceria entre escola e família fundamenta-se no diálogo, na corresponsabilidade e no reconhecimento de que ambos os contextos contribuem para o desenvolvimento infantil. Enquanto a escola organiza intencionalmente as situações de aprendizagem, a família oferece experiências culturais, afetivas e sociais que complementam esse processo.

Ao mesmo tempo, as desigualdades sociais e as diferentes condições de acesso à cultura escrita e às tecnologias digitais impõem desafios à alfabetização, exigindo que a escola desenvolva práticas inclusivas e estratégias que aproximem as famílias do processo educativo, respeitando suas diferentes realidades.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar a importância da participação das famílias na aquisição da leitura e da escrita, discutindo as relações entre alfabetização, letramento e práticas pedagógicas contemporâneas. Busca-se compreender de que forma a aproximação entre escola e família pode fortalecer o desenvolvimento das crianças e favorecer uma alfabetização mais significativa, inclusiva e socialmente comprometida.

A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, LEITURA E ESCRITA

Durante muito tempo, alfabetizar foi compreendido como ensinar a criança a reconhecer letras, formar sílabas e decodificar palavras. Embora essas habilidades permaneçam essenciais, as pesquisas educacionais das últimas décadas demonstram que elas representam apenas uma parte do processo de aprendizagem da linguagem escrita. A alfabetização contemporânea envolve a construção de

significados, a compreensão dos diferentes usos sociais da leitura e da escrita e a participação ativa do sujeito nas práticas culturais presentes na sociedade.

Nesse contexto, o conceito de letramento amplia significativamente a compreensão da alfabetização. Enquanto esta se refere ao domínio do sistema de escrita alfabética, o letramento diz respeito à capacidade de utilizar a leitura e a escrita em diferentes situações da vida cotidiana. Ler uma história, interpretar uma notícia, escrever uma mensagem, compreender uma receita ou utilizar recursos digitais para produzir textos constituem exemplos de práticas de letramento que ultrapassam o simples conhecimento do código escrito.

As contribuições de Magda Soares demonstram que alfabetização e letramento devem ocorrer de maneira articulada. Não basta ensinar a criança a identificar palavras; é necessário possibilitar experiências nas quais a leitura e a escrita façam sentido em sua vida. Assim, histórias, bilhetes, poemas, listas, jornais, livros ilustrados, textos digitais e diferentes gêneros textuais precisam integrar o cotidiano escolar, permitindo que a criança compreenda as múltiplas funções da linguagem escrita.

As pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky também transformaram profundamente a compreensão sobre o processo de alfabetização ao demonstrarem que as crianças elaboram hipóteses acerca da escrita muito antes de receberem instruções formais. Essa perspectiva rompeu definitivamente com metodologias centradas na repetição mecânica e passou a reconhecer a criança como sujeito ativo na construção do conhecimento.

A partir dessas contribuições, o papel do professor deixou de limitar-se à transmissão de conteúdos para assumir a função de mediador das aprendizagens. Cabe ao educador organizar situações didáticas que estimulem a curiosidade, a investigação, a produção de hipóteses e a reflexão sobre a linguagem, criando ambientes alfabetizadores ricos em possibilidades de interação.

Entretanto, essas experiências não se restringem ao ambiente escolar. As crianças chegam à escola trazendo conhecimentos construídos em suas relações familiares, em suas comunidades e nos diferentes espaços sociais que frequentam. As histórias ouvidas em casa, as conversas cotidianas, os livros disponíveis no ambiente familiar, os programas de televisão, os conteúdos digitais e as experiências culturais influenciam diretamente a maneira como compreendem a linguagem escrita.

Essa compreensão torna evidente que alfabetizar exige reconhecer a diversidade de experiências vividas pelas crianças. Algumas convivem diariamente com livros, revistas e diferentes materiais impressos; outras estabelecem contato predominante com recursos digitais; há ainda aquelas que possuem poucas oportunidades de acesso à cultura escrita fora da escola. Considerar essas diferenças representa um importante compromisso da prática pedagógica contemporânea.

A Base Nacional Comum Curricular reforça essa perspectiva ao reconhecer que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ocorrer em situações reais de uso da linguagem, valorizando diferentes gêneros textuais e múltiplas formas de comunicação. Nessa concepção, a alfabetização deixa de constituir um conjunto de exercícios mecânicos e passa a integrar práticas sociais que favorecem a interpretação, a produção de sentidos e a participação crítica na sociedade.

Outro aspecto relevante refere-se à formação do leitor. Desenvolver o gosto pela leitura significa criar oportunidades para que as crianças estabeleçam vínculos afetivos com os livros desde muito cedo. A leitura compartilhada, a contação de histórias, o acesso a bibliotecas, a circulação de diferentes obras literárias e o contato frequente com textos de qualidade favorecem a construção de hábitos leitores que ultrapassam o período escolar.

Da mesma forma, a produção escrita precisa ser compreendida como prática social. Escrever listas, convites, bilhetes, pequenos relatos, histórias, poemas ou registros de experiências possibilita que a criança compreenda a função comunicativa da escrita e perceba que produzir textos significa dialogar com outras pessoas.

Nesse processo, o erro deixa de ser interpretado como fracasso e passa a representar importante indicador do desenvolvimento infantil. As hipóteses formuladas pelas crianças revelam seus modos de pensar e constituem elementos fundamentais para o planejamento das intervenções pedagógicas. Essa compreensão exige que professores e famílias desenvolvam uma postura acolhedora diante das produções infantis, valorizando os avanços alcançados e incentivando novas descobertas.

A alfabetização contemporânea também está profundamente relacionada ao desenvolvimento da oralidade. Conversar, argumentar, narrar acontecimentos, formular perguntas, participar de rodas de conversa e compartilhar experiências fortalecem competências linguísticas essenciais para a construção da leitura e da escrita. Assim, linguagem oral e linguagem escrita constituem processos complementares, desenvolvidos simultaneamente ao longo da infância.

Além disso, a diversidade cultural presente na sociedade brasileira amplia as possibilidades de trabalho com a linguagem. Cantigas populares, poemas, lendas, parlendas, adivinhas, manifestações culturais regionais e diferentes formas de produção artística enriquecem o currículo e aproximam a alfabetização das experiências vividas pelas crianças. Quando essas manifestações são valorizadas pela escola, contribuem para fortalecer a identidade cultural, ampliar repertórios e promover uma educação mais democrática.

Nesse contexto, torna-se evidente que alfabetização e letramento não representam objetivos distintos, mas dimensões complementares de um mesmo processo educativo. Ensinar a ler e escrever implica criar condições para que as crianças compreendam o funcionamento do sistema de escrita e, ao mesmo tempo, utilizem a linguagem em situações significativas de comunicação, participação social e produção de conhecimento.

Considerando essas perspectivas, compreende-se que alfabetização e letramento constituem processos indissociáveis. Enquanto a primeira possibilita a apropriação do sistema de escrita, o segundo amplia a participação dos indivíduos nas práticas sociais mediadas pela linguagem. Dessa forma, ensinar a ler e escrever significa criar oportunidades para que as crianças interpretem o mundo, expressem ideias, desenvolvam pensamento crítico e exerçam plenamente sua cidadania.

A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A aprendizagem significativa constitui um dos fundamentos das práticas pedagógicas contemporâneas por reconhecer que novos conhecimentos somente adquirem sentido quando estabelecem relações com as experiências anteriormente construídas pelos estudantes. Nessa perspectiva, ensinar deixa de significar transmitir informações prontas e passa a representar a organização de situações que favoreçam a investigação, a descoberta e a construção de significados.

David Ausubel afirma que a aprendizagem ocorre de maneira mais consistente quando os novos conteúdos relacionam-se aos conhecimentos prévios do aprendiz. Essa compreensão aproxima-se das concepções defendidas por Lev Vygotsky, para quem o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais e culturais estabelecidas entre crianças e adultos. Sob essa perspectiva, aprender envolve diálogo, mediação, participação e construção coletiva do conhecimento.

Na alfabetização, essas concepções assumem especial importância. As crianças chegam à escola trazendo diferentes conhecimentos sobre a linguagem escrita, construídos em suas relações familiares, em suas brincadeiras, em suas experiências culturais e nas múltiplas formas de comunicação presentes em seu cotidiano. Ignorar esses saberes significa desconsiderar parte significativa do processo educativo.

Ao reconhecer os conhecimentos prévios das crianças, o professor cria condições para que novas aprendizagens sejam construídas de forma mais consistente. Histórias vividas pelas famílias, acontecimentos da comunidade, projetos desenvolvidos pela turma, brincadeiras tradicionais e experiências culturais tornam-se importantes pontos de partida para o planejamento das atividades de leitura e escrita.

Outro aspecto fundamental refere-se ao protagonismo infantil. As práticas pedagógicas contemporâneas compreendem que as crianças aprendem de maneira mais significativa quando participam ativamente das decisões, formulam perguntas, levantam hipóteses e investigam problemas relacionados ao seu cotidiano. A alfabetização, portanto, não deve restringir-se à realização de exercícios repetitivos, mas constituir um processo investigativo no qual a linguagem escrita seja utilizada para compreender o mundo, registrar descobertas e comunicar ideias.

O brincar também desempenha papel essencial nesse processo. Jogos de linguagem, dramatizações, contação de histórias, produção coletiva de textos, brincadeiras com palavras e diferentes experiências lúdicas favorecem a construção da leitura e da escrita ao integrar aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Nessas situações, aprender torna-se uma experiência prazerosa, capaz de despertar curiosidade, criatividade e interesse pela cultura escrita.

A aprendizagem significativa fortalece ainda a autonomia das crianças. À medida que compreendem a função social da leitura e da escrita, tornam-se capazes de buscar informações, interpretar diferentes textos, expressar opiniões e participar de forma mais ativa da vida escolar e comunitária. A alfabetização deixa de representar apenas uma etapa da escolarização e passa a constituir instrumento de participação social e exercício da cidadania.

A autonomia construída ao longo do processo de alfabetização não se desenvolve de maneira isolada. Ela resulta das interações estabelecidas entre escola, família e comunidade, fortalecidas por práticas pedagógicas que valorizam o diálogo, a investigação e o respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem. Nesse contexto, a aprendizagem significativa constitui um processo contínuo de construção de conhecimentos, no qual cada nova experiência amplia as possibilidades de compreensão da linguagem e do mundo.

Outro aspecto importante refere-se à dimensão afetiva da aprendizagem. Diversos estudos demonstram que crianças que se sentem acolhidas, respeitadas e estimuladas apresentam maior interesse pelas atividades escolares e maior disposição para enfrentar desafios relacionados à leitura e à escrita. A confiança estabelecida entre professor, estudante e família favorece o desenvolvimento da autoestima e reduz sentimentos de insegurança frequentemente associados ao início do processo de alfabetização.

Essa compreensão reforça a necessidade de práticas pedagógicas humanizadas, capazes de reconhecer as potencialidades de cada criança e de transformar os erros em oportunidades de aprendizagem. Em vez de enfatizar exclusivamente resultados quantitativos, a avaliação deve acompanhar os processos vivenciados pelos estudantes, identificando avanços, necessidades e possibilidades de intervenção. Trata-se de uma perspectiva formativa que reconhece a aprendizagem como percurso e não apenas como produto final.

As metodologias ativas também contribuem significativamente para esse processo. Projetos de pesquisa, rodas de conversa, produção coletiva de textos, leitura compartilhada, resolução de problemas e atividades interdisciplinares permitem que a criança participe ativamente da construção do conhecimento, desenvolvendo competências relacionadas à comunicação, à cooperação, ao pensamento crítico e à criatividade. Essas experiências aproximam a alfabetização das situações reais de uso da linguagem e favorecem aprendizagens mais duradouras.

Outro elemento que merece destaque é a organização dos espaços escolares. Ambientes alfabetizadores ricos em livros, revistas, cartazes, jogos, materiais manipuláveis e recursos tecnológicos estimulam a curiosidade e ampliam as oportunidades de interação com a cultura escrita. A presença desses materiais no cotidiano escolar comunica às crianças que a leitura e a escrita fazem parte da vida social e possuem diferentes finalidades.

Ao mesmo tempo, é fundamental que esses espaços dialoguem com a realidade das famílias. Projetos de leitura compartilhada, empréstimo de livros, oficinas literárias, momentos de contação de histórias e encontros entre pais, responsáveis e professores fortalecem a aproximação entre escola e comunidade, contribuindo para a construção de uma cultura leitora que ultrapassa os limites da sala de aula.

Sob essa perspectiva, a aprendizagem significativa não se limita à aquisição de conteúdos escolares, mas envolve a construção de conhecimentos que dialogam com a realidade vivida pelas crianças. Quanto maior for a relação entre as experiências escolares e os contextos familiares e sociais,

maiores serão as possibilidades de desenvolvimento da autonomia, da curiosidade intelectual e do interesse permanente pela aprendizagem.

O PAPEL DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DAS COMPETÊNCIAS LEITORAS E ESCRITORAS

A família constitui o primeiro espaço de socialização da criança e desempenha papel essencial na construção de valores, hábitos, formas de comunicação e experiências relacionadas à linguagem. Muito antes do ingresso na escola, as crianças já estabelecem contato com diferentes práticas de leitura e escrita presentes em seu cotidiano, observando adultos que leem jornais, escrevem mensagens, utilizam celulares, consultam receitas, interpretam placas ou contam histórias.

Essas experiências iniciais influenciam significativamente a maneira como a criança percebe a linguagem escrita. Quando cresce em um ambiente que valoriza a leitura, compartilha histórias e incentiva a curiosidade, tende a compreender mais rapidamente a função social da escrita e a desenvolver maior interesse pelas atividades escolares. Entretanto, é importante destacar que a qualidade da participação familiar não depende exclusivamente do nível de escolaridade dos responsáveis ou da quantidade de livros existentes em casa. O aspecto mais relevante refere-se ao estabelecimento de vínculos afetivos e ao incentivo constante ao diálogo e à aprendizagem.

Ler uma história antes de dormir, conversar sobre acontecimentos do dia, incentivar a criança a narrar experiências, visitar bibliotecas públicas, escrever bilhetes, elaborar listas de compras ou simplesmente compartilhar momentos de leitura representam experiências capazes de fortalecer o desenvolvimento da linguagem. Pequenas ações cotidianas tornam-se oportunidades significativas de aprendizagem quando realizadas em um ambiente de acolhimento e interação.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que muitas famílias enfrentam desafios relacionados às condições de trabalho, ao tempo disponível, às dificuldades econômicas ou mesmo ao próprio acesso à escolarização. Essa realidade reforça a responsabilidade da escola em construir estratégias de aproximação que respeitem diferentes contextos familiares, evitando julgamentos ou comparações inadequadas.

A parceria entre escola e família deve fundamentar-se na corresponsabilidade. Não se trata de transferir à família responsabilidades exclusivamente escolares nem de atribuir à escola funções que pertencem ao contexto familiar. O objetivo é construir relações colaborativas nas quais ambos os espaços compartilhem informações, expectativas e estratégias voltadas ao desenvolvimento integral da criança.

Nesse sentido, reuniões pedagógicas, projetos de leitura em família, oficinas, rodas de conversa e canais permanentes de comunicação fortalecem o vínculo entre instituição e comunidade. Quando pais, responsáveis e professores compreendem que atuam em parceria, as crianças percebem maior coerência entre os diferentes ambientes que frequentam, desenvolvendo sentimentos de segurança, pertencimento e motivação para aprender.

Outro aspecto relevante refere-se ao incentivo à autonomia. Em vez de realizar atividades escolares pelas crianças, as famílias podem estimular a organização dos materiais, acompanhar a rotina

de estudos, incentivar perguntas, valorizar produções escritas e celebrar conquistas relacionadas ao processo de aprendizagem. Essa postura fortalece a confiança da criança em suas próprias capacidades e favorece o desenvolvimento de atitudes mais independentes diante dos desafios escolares.

Além disso, o diálogo constante entre escola e família permite identificar precocemente dificuldades de aprendizagem, necessidades específicas e fatores emocionais que possam interferir no desempenho escolar. Essa aproximação favorece intervenções mais rápidas e efetivas, contribuindo para prevenir situações de fracasso escolar e fortalecer o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras.

As experiências compartilhadas entre escola e família também ampliam o repertório cultural das crianças. Eventos literários, feiras de livros, saraus, apresentações culturais, clubes de leitura e projetos interdisciplinares aproximam diferentes gerações em torno da linguagem escrita, transformando a leitura em prática social valorizada pela comunidade.

Dessa maneira, a participação familiar deixa de representar simples acompanhamento das tarefas escolares e passa a constituir importante dimensão da educação, fortalecendo vínculos afetivos, ampliando experiências culturais e contribuindo para a formação de leitores críticos, autônomos e participativos.

Dessa forma, compreender a família como parceira da escola significa reconhecer que ambos os espaços educativos possuem responsabilidades distintas, porém complementares. Quando essa parceria é construída com base no diálogo, na confiança e no respeito mútuo, amplia-se significativamente o potencial das práticas pedagógicas e favorece-se o desenvolvimento integral das crianças.

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E AS NOVAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO

As profundas transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas modificaram significativamente as formas pelas quais crianças, jovens e adultos estabelecem contato com a leitura e a escrita. A popularização dos dispositivos móveis, das plataformas digitais, das redes sociais e dos ambientes virtuais de aprendizagem ampliou o acesso às informações e criou novas possibilidades de comunicação, exigindo que a escola repense suas práticas pedagógicas diante das demandas da sociedade contemporânea.

Nesse contexto, o conceito de letramento também passou por importantes transformações. Se anteriormente as práticas de leitura e escrita estavam predominantemente relacionadas aos materiais impressos, atualmente elas abrangem diferentes linguagens, suportes e formatos de comunicação. Ler hipertextos, interpretar imagens, produzir conteúdos multimodais, participar de ambientes colaborativos e avaliar criticamente informações disponíveis na internet passaram a integrar o cotidiano escolar e familiar.

Essa realidade não significa que os livros impressos tenham perdido sua relevância. Pelo contrário, evidencia a necessidade de ampliar o repertório de experiências leitoras oferecidas às crianças, articulando diferentes recursos e linguagens de forma intencional. A escola deve possibilitar o

contato tanto com a literatura infantil quanto com textos digitais, promovendo situações em que a criança compreenda as especificidades de cada suporte e desenvolva competências para utilizá-los de maneira crítica e responsável.

No entanto, a incorporação das tecnologias ao processo educativo não pode ocorrer de maneira indiscriminada. O simples uso de computadores, tablets ou celulares não garante inovação pedagógica nem promove, por si só, aprendizagens significativas. A qualidade das experiências depende da intencionalidade do professor, da organização do planejamento e da capacidade de selecionar recursos compatíveis com os objetivos educacionais.

Nesse sentido, torna-se indispensável desenvolver o letramento digital. Mais do que aprender a utilizar ferramentas tecnológicas, as crianças precisam construir competências relacionadas à análise crítica das informações, à produção ética de conteúdos, ao respeito às diferentes formas de comunicação e à compreensão dos impactos sociais decorrentes do uso das tecnologias.

A participação das famílias assume papel igualmente importante nesse processo. Considerando que boa parte do contato das crianças com os recursos digitais ocorre no ambiente doméstico, torna-se necessário fortalecer ações de orientação que promovam o uso equilibrado e consciente dessas ferramentas. O acompanhamento dos responsáveis, aliado ao diálogo permanente com a escola, contribui para que as experiências digitais sejam incorporadas ao processo educativo de forma segura e significativa.

Outro aspecto relevante refere-se ao combate à desinformação. Em uma sociedade marcada pela circulação acelerada de conteúdos, torna-se cada vez mais importante desenvolver habilidades relacionadas à seleção, interpretação e verificação das informações. Desde os primeiros anos da escolarização, a escola pode criar situações em que as crianças aprendam a questionar fontes, comparar versões de um mesmo fato e compreender que diferentes textos apresentam diferentes intenções comunicativas.

Ao integrar práticas tradicionais de leitura às novas formas de comunicação digital, a escola amplia as possibilidades de aprendizagem e prepara os estudantes para atuar de maneira crítica em uma sociedade cada vez mais conectada. Assim, o letramento contemporâneo deixa de limitar-se ao domínio da escrita convencional e passa a compreender um conjunto de competências relacionadas à produção, interpretação e circulação de diferentes linguagens.

Entretanto, o uso das tecnologias digitais deve ser acompanhado por processos educativos que favoreçam o pensamento crítico e a responsabilidade no acesso às informações. Mais do que utilizar recursos tecnológicos, torna-se necessário desenvolver competências relacionadas à análise, seleção e produção ética de conteúdos, preparando as crianças para atuar de forma consciente em uma sociedade cada vez mais conectada.

EDUCAÇÃO, FAMÍLIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA LEITORA

A formação de leitores constitui um processo contínuo que se inicia muito antes da alfabetização formal e se fortalece por meio das experiências culturais vivenciadas pelas crianças em seus diferentes

espaços de convivência. Nesse percurso, família e escola desempenham funções complementares, criando oportunidades para que a leitura seja compreendida não apenas como uma habilidade escolar, mas como prática social, cultural e afetiva.

Quando a criança cresce em um ambiente em que livros, histórias, revistas, músicas, poesias e diferentes manifestações da linguagem fazem parte da rotina familiar, tende a desenvolver uma relação mais natural com a leitura. Ainda que muitos responsáveis não possuam elevado nível de escolaridade, atitudes simples, como contar histórias, conversar sobre acontecimentos do cotidiano, incentivar perguntas ou acompanhar as descobertas escolares, produzem impactos significativos na construção do interesse pela linguagem escrita.

A literatura infantil ocupa lugar privilegiado nesse processo. Ao entrar em contato com narrativas, contos populares, poemas, parlendas, fábulas e histórias contemporâneas, as crianças ampliam seu repertório linguístico, desenvolvem a imaginação, fortalecem a capacidade de interpretar diferentes situações e constroem referências culturais que contribuirão para toda a vida escolar. A leitura literária, portanto, não deve ser compreendida apenas como instrumento para ensinar conteúdos, mas como direito cultural e experiência estética indispensável à formação humana.

Nesse sentido, o professor assume papel de mediador entre a criança e o universo da literatura. A organização de momentos permanentes de leitura compartilhada, rodas de conversa, dramatizações, empréstimo de livros, produção de recomendações literárias e visitas a bibliotecas favorece a criação de uma comunidade leitora dentro da escola. Essas práticas aproximam as crianças da cultura escrita e fortalecem o vínculo afetivo com os livros.

A participação das famílias potencializa essas ações. Projetos que envolvem leitura em casa, registro de histórias contadas pelos avós, construção de pequenas bibliotecas familiares, encontros literários e oficinas de leitura demonstram que o incentivo à formação de leitores pode ocorrer independentemente das condições socioeconômicas das famílias. O aspecto mais importante consiste na valorização da leitura como experiência compartilhada.

As políticas públicas também exercem influência decisiva sobre a consolidação de uma cultura leitora. Programas de distribuição de livros, fortalecimento das bibliotecas escolares e públicas, formação de mediadores de leitura e ampliação do acesso à literatura representam investimentos fundamentais para garantir o direito das crianças à leitura. Quando essas políticas articulam-se às práticas desenvolvidas pelas escolas e ao envolvimento das famílias, ampliam significativamente as oportunidades de desenvolvimento das competências leitoras.

Construir uma cultura leitora significa compreender que ler não é apenas decodificar palavras, mas interpretar o mundo, produzir sentidos e participar da vida social. Assim, escola e família tornam-se corresponsáveis pela formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de utilizar a linguagem para transformar a realidade em que vivem.

A consolidação de uma cultura leitora depende da atuação conjunta entre escola, família e políticas públicas comprometidas com a democratização do acesso à leitura. Investir na formação de

leitores significa ampliar oportunidades de participação social, fortalecer a autonomia intelectual e contribuir para a formação de cidadãos capazes de interpretar criticamente a realidade.

DESAFIOS FUTUROS PARA A ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Os avanços nas pesquisas sobre alfabetização e letramento coexistem com desafios que exigem o fortalecimento das políticas públicas e das práticas pedagógicas. As transformações tecnológicas, as novas formas de comunicação, as desigualdades educacionais e os impactos recentes sobre a educação evidenciam a necessidade de processos de alfabetização capazes de responder às demandas da sociedade contemporânea. Entre os principais desafios está o desenvolvimento do letramento digital. O contato precoce das crianças com tecnologias exige que a escola incorpore esses recursos ao currículo de forma crítica, ética e intencional, promovendo competências relacionadas à leitura, à produção e à análise responsável das informações, e não apenas ao domínio técnico das ferramentas.

Outro aspecto fundamental refere-se à formação continuada dos professores. A constante atualização profissional é indispensável para que os docentes ampliem seus conhecimentos sobre metodologias ativas, tecnologias educacionais, educação inclusiva e avaliação formativa, fortalecendo práticas pedagógicas fundamentadas na reflexão e na pesquisa.

Nesse cenário, a inteligência artificial e outras tecnologias emergentes ampliam as possibilidades de personalização das aprendizagens e de acesso ao conhecimento. Entretanto, sua utilização deve ocorrer de forma planejada e ética, preservando a mediação docente e as interações humanas, essenciais ao processo de alfabetização.

As desigualdades sociais continuam sendo um dos maiores obstáculos para a garantia do direito à alfabetização de qualidade. Diferenças no acesso à cultura escrita, aos recursos tecnológicos e às condições de ensino comprometem as oportunidades de aprendizagem, tornando indispensáveis investimentos permanentes na educação básica e o fortalecimento da parceria entre escola, família e comunidade.

Além da apropriação do sistema de escrita, alfabetizar implica formar sujeitos capazes de interpretar diferentes linguagens, participar da vida social e utilizar a leitura e a escrita como instrumentos de participação e transformação da realidade. Essa perspectiva amplia a função social da escola e reafirma seu compromisso com a formação integral das crianças.

Dessa forma, os desafios futuros da alfabetização exigem a integração entre inovação pedagógica, valorização docente, inclusão digital e políticas públicas comprometidas com a equidade. Garantir formação de qualidade, acesso às tecnologias e fortalecimento das relações entre escola, família e

comunidade constitui condição essencial para assegurar uma alfabetização significativa, democrática e socialmente comprometida.

CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

As reflexões desenvolvidas neste estudo permitem afirmar que a alfabetização constitui um processo coletivo, construído a partir das relações estabelecidas entre crianças, professores, famílias e comunidade. Nessa perspectiva, a prática pedagógica precisa ser organizada de maneira a favorecer experiências significativas de leitura e escrita, valorizando a participação ativa dos estudantes e reconhecendo a diversidade de contextos presentes na realidade escolar.

Entre as principais contribuições para o trabalho docente destaca-se a necessidade de construir ambientes alfabetizadores ricos em possibilidades de interação. Livros acessíveis, diferentes gêneros textuais, materiais de escrita, jogos pedagógicos, recursos digitais e espaços destinados à leitura contribuem para que a linguagem escrita esteja presente no cotidiano das crianças de forma natural e significativa.

A organização de projetos de leitura representa outra estratégia relevante. O desenvolvimento de sequências didáticas envolvendo literatura infantil, produção de textos, dramatizações, entrevistas, pesquisas e rodas de conversa favorece a integração entre diferentes áreas do conhecimento, ampliando as oportunidades de aprendizagem e fortalecendo o protagonismo dos estudantes.

Também merece destaque a valorização da leitura compartilhada. Quando professores e familiares realizam momentos de leitura com as crianças, promovem não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também a construção de vínculos afetivos associados aos livros. Essa experiência fortalece o interesse pela leitura e amplia a compreensão acerca das múltiplas funções da escrita.

Outro aspecto fundamental refere-se ao planejamento de atividades que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem. A heterogeneidade constitui característica inerente às salas de aula e exige que o professor desenvolva estratégias diversificadas, capazes de atender às necessidades individuais sem perder de vista os objetivos coletivos da aprendizagem.

A avaliação também assume papel estratégico. Em vez de restringir-se à verificação de resultados, deve acompanhar os processos de aprendizagem, identificando avanços, dificuldades e possibilidades de intervenção. Os registros produzidos pelo professor ao longo das atividades permitem compreender como cada criança constrói conhecimentos, orientando decisões pedagógicas mais adequadas.

No que se refere à participação das famílias, recomenda-se a criação de espaços permanentes de diálogo, capazes de fortalecer a parceria entre escola e comunidade. Projetos de leitura em família, oficinas pedagógicas, encontros temáticos e canais de comunicação acessíveis favorecem o compartilhamento de responsabilidades e ampliam as possibilidades de acompanhamento do desenvolvimento infantil.

Dessa maneira, a prática pedagógica deixa de centrar-se exclusivamente na transmissão de conteúdos e passa a constituir um processo colaborativo de construção do conhecimento, fundamentado na participação, no diálogo e na valorização das experiências vividas pelas crianças.

Além das ações desenvolvidas em sala de aula, torna-se indispensável fortalecer processos permanentes de formação continuada dos professores, possibilitando que os profissionais acompanhem as transformações educacionais, ampliem seus repertórios metodológicos e desenvolvam práticas fundamentadas em evidências científicas e nas necessidades reais dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender que a participação das famílias representa elemento essencial para o desenvolvimento da leitura e da escrita, contribuindo significativamente para a construção de aprendizagens mais significativas, contextualizadas e socialmente relevantes. Ao longo do estudo, verificou-se que a alfabetização contemporânea ultrapassa a simples apropriação do sistema de escrita, envolvendo processos de interação, produção cultural, participação social e construção da autonomia.

Os referenciais teóricos analisados demonstram que a aprendizagem ocorre de maneira mais consistente quando escola e família atuam de forma colaborativa, respeitando as especificidades de cada contexto e reconhecendo as crianças como protagonistas de seus processos de desenvolvimento. Essa compreensão fortalece práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo, na escuta, na investigação e na valorização das múltiplas experiências que compõem a infância.

As discussões também evidenciaram que as transformações tecnológicas ampliaram as possibilidades de acesso à informação e criaram novos desafios relacionados ao letramento digital. Nesse cenário, torna-se indispensável que escola e família atuem conjuntamente na formação de leitores críticos, capazes de utilizar diferentes linguagens de maneira ética, responsável e consciente.

Conclui-se, portanto, que investir na aproximação entre família e escola significa fortalecer não apenas o desempenho acadêmico das crianças, mas também sua formação humana, cultural e cidadã. A construção de uma educação de qualidade depende do compromisso coletivo com práticas educativas inclusivas, democráticas e sensíveis às transformações da sociedade contemporânea.

Embora este estudo esteja fundamentado em revisão bibliográfica, reconhece-se que futuras pesquisas poderão aprofundar a análise de experiências desenvolvidas em diferentes contextos escolares, investigando estratégias de aproximação entre famílias e instituições educativas e seus impactos sobre o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras.

Espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre alfabetização e letramento, incentivando novas pesquisas e fortalecendo ações que valorizem a parceria entre escola, família e comunidade como condição indispensável para a construção de uma educação comprometida com o desenvolvimento integral das crianças.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, 2019.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- COLELLO, Silvia M. G. **Alfabetização em questão**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 52. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2018.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2021.
- MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2020.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2023.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.